

## O ADEUS DO MLSTP AO MLSTP/PSD

Camaradas, compatriotas, amigos

Chegou a hora da separação.

Durante dezoito anos, os melhores anos da minha vida , os mais gratificantes, os mais difíceis, os que mais exigiram do sim e das minhas capacidades, durante dezoito anos em que aprendi muito sobre o povo de São Tomé e Príncipe e muito sobre mim próprio numa palavra, durante dezoito anos a minha vida foi o MLSTP, a luta pela conquista da independência, a luta pela construção e afirmação de uma nação pequena e pobre, mas digna e determinada,. Durante dezoito anos o mesmo antes, fui testemunha e participante, das diversas transformações, das diversas crises, que abalaram o MLSTP, mas fui também testemunha de momentos exaltantes, fui participante de decisões fundamentais que marcarão e marcarão para sempre a vida do povo de São Tomé e Príncipe. Contra toda a expectativa da minha parte e mesmo contra planos pessoais fui eleito Secretário-Geral do MLSTP em 1972. É sem dúvida irónico que eu tenha de deixar o MLSTP também contra a minha vontade neste ano de 1990, ano da implantação da democracia pluralista em São Tomé e Príncipe, o que permanece constante e inalterável durante estes dezoitos anos é a minha

vontade e determinação de servir a nação santomense sempre que as instituições representativas da sua vontade colectiva e hoje os mecanismos democráticos acharem por bem conferir-me tal privilégio.

Separo-me do Mlstp como todos sabem por imperativo da constituição democrática referendada pelo nosso em Agosto deste ano.

Creio que até os mais cínicos compreenderão que não é fácil e pacífica esta separação. Tenho vivido momentos angustiantes, dolorosos mesmos. Ninguém se separa facilmente de uma parte tão significativa do seu passado, da sua vida.

Ocasões como essa convidam a um balanço. Confesso, caros camaradas e amigos que eu já fiz esse exercício. É difícil eu próprio dizer-vos o resultado, mas gostaria de partilhar convosco algumas considerações que entram nos meus cálculos.

Quando assumi a responsabilidade de, juntamente com outros dignos filhos desta terra, conduzir o Mlstp, o movimento de libertação nacional tinha passado já por muitas crises que em diversas ocasiões tinham posto inclusivamente em perigo a continuação da luta.

Assumi esta tarefa com humildade e sem grandes ambições porque

sabia que, longe de ser o melhor ou o mais capaz, eu era nas circunstâncias e condicionalismos de então a pessoa que oferecia o mínimo de garantias de manter unida a organização para levar de avante a luta. Quando o processo de luta demonstrou que a independência era um facto inevitável, em diversas ocasiões manifestei a minha disponibilidade de ceder as minhas funções a outros camaradas. O resultado dessas diligências é conhecido.

Proclamamos a independência em 1975 e assumi a presidência da República por recomendação dos meus camaradas do Bureau Político de então. Tinha 37 anos. Nem eu, nem os elementos que constituíam a direcção do Mlstp, possuíamos os conhecimentos e a experiência necessária para lidar com os difíceis e complexos problemas com que nos tivemos de defrontar. Mais grave ainda, não havia na nossa sociedade quadros com as aptidões adequadas para dirigir e gerir a administração de um Estado moderno. Mas, quero assegurar-vos que naquela altura só um propósito nos animava: realizar as aspirações legítimas do nosso povo a uma vida melhor, a uma vida digna, liberta dos flagelos do passado. Quizemos fazer muitas coisas ao mesmo tempo muitas vezes sem os recursos necessários. Mas tínhamos a vontade, os desejos do nosso povo tornavam-se obrigações imperativas para as

quais sentíamos o dever de satisfazer. E fomos fazendo, sem ter tempo para aprender nem olhar para trás. Hoje, compreendo que aqueles que por desconhecimento ou por terem estado ausentes do país no período 1975-1980 considerem as medidas então tomadas como erros. O que me é difícil aceitar, é ver como oportunisticamente muitos se apressam a condenar tudo o que fizemos, quando muito deles foram participantes activos e entusiastas de tudo o que fizemos. Se é verdade que hoje, com a experiência que todos temos, eu não aprovaria de novo tudo o que fizemos nesse período, não posso deixar de assumir plenamente tudo o que fizemos então e até me sentir orgulhoso disso. Queríamos a educação livre e gratuita para todos, queríamos a assistência médica e medicamentosa gratuita para todos, queríamos eliminar o analfabetismo, queríamos libertar o trabalhador agrícola do pesadelo da roça colonial, queríamos um sistema de segurança e previdência social avançado, queríamos a igualdade de tratamento e de condições para a mulher, queríamos apoiar todas as causas justas que havia no mundo. Os nossos propósitos eram nobres e o entusiasmo do nosso povo nos animava a prosseguir.

Cedo porém a realidade nos foi primeiro limitando as opções, para em seguida cortar-nos os pés e depois amarrar as nossas mãos.

No nosso entusiasmo tínhamos esquecido que apesar de sermos uma ilha, não vivíamos isolados do mundo e tudo o que fazíamos era ouvido e analisado no exterior e a partir desta análise uma atitude e um comportamento pouco amigáveis se manifestavam contra nós. No nosso entusiasmo nem sempre tivemos em conta que antes de distribuir a riqueza devíamos primeiro produzi-la. A nossa riqueza era e é o cacau e quando o seu preço no mercado internacional começou a baixar, simultaneamente com a subida de preços dos géneros que importámos, a crise visitou-nos com toda a sua violência. Mais grave ainda, a crise caiu sobre nós num momento em que as aspirações do nosso povo, longe de terem sido satisfeitas tinham crescido, principalmente porque o Estado se tinha entretanto posicionado como o pápá para satisfação de todas as necessidades.

A abordagem dos problemas começou também a ser dificultada pelo clima que a partir de certo momento se instalou na sociedade e cujo reflexo se fez sentir, como não podia deixar de ser ao nível da direcção do Mlstp. Para uns esse estado de coisas conduziu primeiro à perda de fé nos ideais que nos guiavam e depois a passividade, ao desânimo, à impotência e finalmente à deserção. Para outros, a primeira atitude foi a de recusa em aceitar a situação

como uma fatalidade, em seguida a de iniciar um processo de questionamento crítico, não dos nossos ideais, mas sim dos meios para atingi-los.

Ousamos então assumir e dar início ao processo de mudança que nos conduziu até ao momento presente. Fizemo-lo nem sempre da forma mais correcta, nem sempre de maneira totalmente consequente, nem sempre seguindo uma linha sem desvios. Começámos por reconhecer que os critérios de militância no Mlstp, porque bastante ideológicos coartavam a participação de muitos patriotas. Depois aplicamos a politica de unidade nacional no sentido de estimular e encorajar a participação alargada de todos quantos se interessavam pelos problemas de desenvolvimento de São Tomé e Príncipe. Na frente externa concebemos a politica de boa-vizinhança e de abertura ao exterior no sentido de criar condições favoráveis a contribuição de países amigos e agentes económicos estrangeiros ao processo de recuperação da nossa economia. Estas medidas também se revelaram insuficientes já que lidavam apenas com os aspectos conjunturais da crise que entretanto se agravou com consequências nefastas no funcionamento das instituições dirigentes do país, em particular no que diz respeito ao Mlstp. A partir de 1985, com a realização da 2ª

Assembleia Ordinária do Mlstp ficou claro que mudanças mais fundamentais, mais radicais e dirigidas a essência dos problemas seriam necessárias para lidar com a crise. Naquela altura ficou reconhecido que o nosso Estado tinha crescido e assumido responsabilidades, sobretudo na área económica e social, que eram incompatíveis não só com os recursos disponíveis mas também com os princípios de uma gestão económica sã e moderna e de uma participação consciente e responsabilizadora do cidadão.

O elevado déficit comercial e a impossibilidade de garantir com recursos próprios as importações necessárias ao abastecimento mínimo do país por um lado, e a necessidade de adopção de medidas que invertessem o ciclo regressivo da economia e que fossem apoiadas por um financiamento exterior sustentado e previsível por outro, conduziram-nos a negociação dos programas de ajustamento estrutural. Se todos estamos de acordo em reconhecer as limitações e elevados custos do referido programa, não nos parece que alternativas outras tivessem sido apresentadas.

Em Outubro de 1987 fizemos um primeiro balanço dos resultados e efeitos das medidas até então tomadas e chegámos a importantes conclusões. Primeiro e pela primeira vez de forma clara e aberta

reconhecemos que a nossa sociedade era plural no que dizia respeito a forma como que se manifestavam os interesses das diversas camadas que a constituíam. Esse pluralismo manifestava-se tanto na área económica como na política e tornava-se necessário equacioná-los de uma forma global, onde as interrelações fossem respeitadas e tidas em conta na abordagem das soluções. Foi assim que decidimos avançar com o processo de liberalização da economia, quer pelo encorajamento do investimento privado estrangeiro, quer pelo afastamento do Estado da gestão das unidades económicas. A liberalização da economia e o afastamento do Estado da gestão económica directa eram consideradas não só como um imperativo económico mas como uma forma de levar o cidadão nacional a participar de uma forma nova e mais responsabilizada na criação do seu bem estar e daí do bem estar geral. Reconhecemos também, que o processo de liberalização económica, ao permitir o aparecimento de agentes económicos privados, nacionais e estrangeiros, iria necessariamente conduzir ao apareciemnto e cristalização de variados interesses na nossa sociedade que se refletiriam necessariamente no domínio político. Em consequência, decidimos também em 1987 que as instituições políticas deveriam reflectir esse pluralismo e que o papel do



Mlstp, a sua prática e organização interna deveriam transformar-se no sentido de absorver a diversidade e canaliza-la para as tarefas de desenvolvimento, gerando consensus, unificando propósitos e otimizando as capacidades nacionais disponíveis. Daí nasceu o conceito de um Mlstp de várias tendências, e de uma Assembleia Nacional representativa dos vários interesses existentes ou emergentes na sociedade santomense. Esta vontade de mudança ficou consubstanciada nas resoluções sobre o envolvimento político e económico do cidadão de 1987 e na primeira revisão constitucional que criou o cargo de Primeiro-Ministro, chefe de Governo.

Iniciamos depois um ciclo de consulta à nossa população nos vários distritos do país que culminou com a realização da Conferência Nacional do Mlstp e consequente ratificação das suas recomendações pelo Comité Central.

Gostaria de confessar que a Conferência nacional constituiu para mim particularmente um motivo de grande satisfação pessoal, um momento ímpar na história do nosso país onde ficou claro que a sociedade santomense estava madura para o exercício da democracia.

Não nos esquecemos das acusações que de diversos quadrantes nos foram feitas então. Mas naquela altura como hoje deixamos os

factos falarem por si. A República democrática de São Tomé e Príncipe foi justamente felicitada por ser o primeiro país da Africa Central e dos Cinco países de lingua oficial portuguesa a optar por um regime de democracia pluralista. Não obstante a aprovação por referendum da nova constituição, que muitos rapidamente se apressaram a reclamar como obra sua, quando a mesma é uma prova da maturidade do nosso povo, ainda persistem vozes que duvidam das nossas intenções, fazem-nos processos de intenção e lançam a duvida e a confusão no nosso seio. Espero que ao menos a realização próxima das eleições legislativas e presidenciais permita a todos realizar que de facto estamos em democracia.

Camaradas, compatriotas e amigos

Compreenderão depois destas breves considerações quanto me é difícil a separação que hoje se consuma. Vou afastar-me do Mlstp, quando, após tão longa marcha ele se afirmou como um agente conseqüente das mudanças que tiveram lugar no nosso país e quando ele se prepara para, no quadro do regime democrático, reclamar um papel de relevo na nossa sociedade. Estou absolutamente confiante que o Mlstp/Partido Social Democrata saberá com a liderança que sair desta Assembleia assumir com dignidade o espírito de luta

e bem servir que sempre norteou o Mlstp ao longo destes anos.

Sinto um orgulho inquestionável pela oportunidade que tive em dirigir durante estes anos uma organização que tanto fez pelo nosso povo. Aos militantes e simpatizantes da organização quero dizer do meu profundo agradecimento e reconhecimento. Convosco aprendi a ser um melhor dirigente e sobretudo um homem mais em sintonia com as aspirações do seu povo. Convosco aprendi os valores da tolerância, da paciência e bem servir. A minha dívida para com todos é para sempre. Entendam a minha separação como um acto de dever a que me obriga a constituição. De vós guardo recordações de momentos inesquecíveis, lições de bem servir e espírito de sacrifício que me serviram de encorajamento ao longo destes anos e que me servirão para toda a vida, independentemente do que vier a acontecer.

A nova direcção do Mlstp quero desejar os maiores sucessos. Conhecendo como comheço tão de perto a equipa dirigente que acaba de ser eleita estou, convicto que saberão guiar o Mlstp a novos horizontes, a novos desafios e também a novos sucessos.

As oposições aqui presentes quero renovar mais uma vez a minha total disponibilidade para, no quadro das minhas obrigações

constitucionais, tudo fazer para que o processo de instauração da democracia pluralista em São Tomé e Príncipe, prossiga na paz e na estabilidade. Gostaria de apelar para a cooperação de todos no sentido de tudo fazermos para que os interesses do povo de São Tomé e Príncipe estejam sempre acima dos interesses partidários.

Militantes, simpatizantes e apoiantes do Mlstp/PSD.

A hora da separação não pode ser mais adiada. Chegou o momento de dizer: Até breve.

Senhores membros da direcção e militantes do Mlstp/PSD,

Senhores Membros do Corpo Diplomático,

Senhores representantes das Oposições,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Muito obrigado pela vossa atenção.12